

A PRÁTICA ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: NARRATIVA CIENTÍFICA ABORDADA DENTRO DA SALA DE AULA

Átila Douglas Matias¹
atiladouglas92@gmail.com

RESUMO:

A grande problematização que nos cerca é a questão do ensino de História dentro da sala de aula. As relações entre história e literatura obtêm um efeito bem explicativo e simplificador ao resolver essa problemática. Nosso intuito é analisar essas relações, partindo de pressupostos metodológicos que cerceiam as inquietações acerca deste tema. Como devemos lidar com a literatura e até que ponto essa literatura nos é útil dentro da sala de aula? É algo que tentaremos responder.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de História, narrativa científica, sala de aula.

Ao perceber a descontinuidade da História, notam-se grandes dificuldades de trabalhar o fato passado dentro da sala de aula, haja vista que grande parte dos alunos não entende o significado do estudo deste passado, como por exemplo, a questão da amnésia em algumas pessoas. Estas não se preocupam com o futuro, mas sim com o passado, com o que ocorreu antes para elaborar um planejamento sobre o destino. É para isso que serve a história, dar sentido ao presente, mostrando o passado.

Nossa proposta é elucidar, ao menos um ponto dos papéis da História enquanto função de conhecimento, tomando como auxílio a literatura, que em muitos casos nos ajuda a enfrentar tais dificuldades que encontramos ao ministrar uma aula de história, seja no ensino fundamental, seja no ensino médio. Para entender como essas duas disciplinas juntas ajudam o professor de História, recapitularemos as várias transformações que tal disciplina sofreu ao longo de sua formação enquanto forma de conhecer o mundo.

Para o grego Tucídides, que narrou brilhantemente a Guerra do Peloponeso, acreditava que a história seria a mestra da vida, capaz de conduzir a um belo futuro, ensinando com os acontecimentos do passado.

Pendurando por muitos séculos, mesmo com altos e baixos, esse modelo sofreu modificações a partir da Revolução Francesa e das idéias dos filósofos iluministas, que entendiam a

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual de Goiás.

História como um processo, como uma ciência natural, ligada ao fruto do progresso, objetivando o futuro. Essa concepção futurística de História levaria os historiadores a escreverem mergulhados no passado, mas visualizando um futuro.

Exemplo disso são os escritos sobre a Revolução, em que nota-se a preocupação em enumerar os fatos que a antecederam, mas ao mesmo tempo, procuram prever o seu destino e como será a partir dali em diante.

Antes de apontar a cientificidade da história a partir desta época, cabe lembrar como surgiu a ciência, de fato. O pensamento cartesiano, de Rene Descartes, criado no século XVII, apontava o mundo para outra discussão.²

Na Idade Média, as maiores mentes intelectuais estavam preocupadas em discussões espirituais, em provas sobre a existência de Deus. Com o pensamento racional e o rompimento da escolástica, sugeridos pelo método do filósofo francês, as discussões sobre ciência começaram a surgir.

O modo pelo qual a ciência estudava a natureza foi aplicado ao método de estudo do homem. A história era vista como ciência, uma ciência natural, baseada nos preceitos positivistas. A história do século XIX era feita pelos fatos, pelo ocorrido ali no presente, para vislumbrar um futuro. Uma relação direta entre causa e efeito, as forças da razão esclareceriam tudo e todos.

A História como progresso era a base do pensamento dos filósofos iluministas. Era a meta de perfeição da condição humana na terra. Esses filósofos procuravam explicar o lugar do homem no mundo natural. Eis porque a história foi igualada à natureza. Essa junção entre progresso e natureza é meio contraditória, pois como tomar progressista a natureza, sendo que constantemente estamos avançando para um fim?

O que Darwin fez deixou igual a evolução e o progresso, respondendo parcialmente a questão acima. Na natureza tudo podia ter um progresso, assim como na história.

Houve o desenvolvimento de técnicas de pesquisas, métodos especificamente históricos de investigação, supervalorizando a História política, militar e diplomática. Ou seja, a história dos vencedores, a história vista de cima para baixo. Era a época da história positivista.

Estes últimos erravam no sentido de deixar de abranger outros documentos, analisando e favorecendo somente os “oficiais”, manipulando o produto. Era como se uma colcha de

² Cabe aqui lembrar que o método cartesiano desmontou toda a teoria da Igreja Católica, questionando conceitos e abrindo caminhos para discussões antes inimagináveis sobre a sociedade, tanto no campo religioso, quanto político e social.

acontecimentos fosse feita, de retalhos de fatos, para depois tornar-se a história total. O cientificismo positivista relatava a prática da história como algo metódico e mecanicista.

Porém, a partir da Segunda Guerra, a Escola dos *Annales* e sua grande influência fez com que o futuro fosse deixado de lado, e o presente começasse a tornar o principal alvo de estudos dos historiadores. Além disso, os *Annales* queriam estudar as estruturas sociais, delimitando o que é perceptível ao olho do historiador. Antes dos *Annales*, as estruturas sócias eram vistas e organizadas de forma evolutiva e narrativa.

Os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas. (BURKE, 1992, p. 12).

Partindo disso, a historiografia tradicional parte da idéia de que os fatos são acontecimentos singulares, elaborado de acordo com documentos e fontes oficiais que tornam a verdade, algo “positivo” e “científico”.

Os métodos utilizados antes no século XIX se tornaram menos autoconfiantes, e o questionamento sobre as pretensões da história ter um lugar entre as ciências foi iniciado.

Um dos principais debatedores sobre a cientificidade da história é Hayden White. Para ele, o trabalho do historiador nada mais é do que

uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa que pretende ser um modelo, ou ícone, de estruturas e processos passados no interesse de explicar o que eram, representado-os. É claro que aqui estou na iminência de abordar o debatidíssimo problema da moderna crítica literária (ocidental) (WHITE, 1995, p. 18) ³

ou seja, não há uma maneira específica e clara de se fazer e escrever a história como pensavam os positivistas.

Seguindo por esse pensamento de narrativa histórica, as obras produzidas no século XIX não possuíam um caráter típico-ideal de uma obra histórica. Segundo White, uma obra desse nível possui elementos estruturais: a crônica, uma sucessão de fatos cronologicamente organizados em forma de narrativa; a estória, que seria essa narrativa; um modo de elaborar o enredo; a argumentação; e por fim, uma implicação ideológica.

³ Grifo nosso. Essa forma de discurso narrativo vem para desmontar toda ciência que havia por trás da História do século XIX. Eis o motivo pelo qual tal parte foi grifada.

Para escrever um acontecimento histórico, é necessário organizá-lo no campo da história, com começo, meio e fim.

Quando um dado conjunto de eventos é posto num código de motivos, o leitor tem diante de si uma estória; a crônica de eventos transforma-se num processo diacrônico concluído, a respeito do qual é possível então fazer perguntas como se estivesse lidando com uma estrutura sincrônica de relações. (Idem, p. 21)⁴

Outra importante percepção de White seria o “como escrever” e “de que maneira”. Como elaborar o enredo dessa narrativa histórica? Ao primeiro momento, um historiador devia escolher os fatos que chamaram sua atenção e assim, fazer uma narrativa, um discurso elaborando todo um enredo. White nos mostra que há quatro maneiras principais de elaborar essa narrativa, podendo haver outras opções de escritas. São elas: o romance, a sátira, a comédia e a tragédia.

Na primeira, há a valorização do herói, a aparição, a transcendência deste no mundo, para vencer o mal e libertar-se no fim. É uma vitória do bem sobre o mal. Já a sátira apresenta totalmente o contrário, um drama dominado pelo temor de que o homem é cativo do mundo, e não senhor. Preserva a condição humana, as vontades que nem sempre são adequadas às forças obscuras.

Na escrita em forma de comédia, a reconciliação é a palavra da ordem. A esperança do provável triunfo do homem versus seu mundo vem destas reconciliações ocasionais, sendo de homem com homem, homem com sociedade, tornando esta última mais pura e mais sadia. A tragédia “pelo contrário, há sugestões de estados de divisão entre os homens ainda mais terríveis do que aquele que incitou o trágico *agon* no início do drama” (Idem, p.24). Olhando por esses véis, por esses métodos narrativos de escrever a história, percebemos que ela se aproxima da narrativa literária, ou até da própria literatura.

Isso tira todo o crédito de cientificidade da história, pois não passaria de uma interpretação do passado, uma recriação. A história não serviria como um instrumento de consciência social. O historiador não possui técnica ao elaborar sua escrita, é mais um estilo próprio. Os acontecimentos não são totalmente trágicos, isso depende da interpretação do autor, que é colocada no enredo.

Ao tomar a história como uma possível narrativa literária, esquecemos que o árduo trabalho histórico depende de pesquisas em arquivos, um trabalho cuidadoso, que temos que ter para evitar o falso e operar com a Verdade. A especificação com a narração torna esta a única forma real de conhecermos o passado, o que não é autêntico. A história e a literatura podem caminhar

⁴ Grifo do autor.

juntas, mas não uma sobrepondo a outra. O historiador não deve esquecer-se do seu comprometimento com a verdade, sendo que

a convenção da veracidade, própria da História, e a convenção da ficcionalidade, própria da Literatura, permitem-nos estabelecer um método que (...) poderá nos ajudar a elaborar essa abordagem comparativa. Podemos trabalhar os diferentes modelos históricos através de um documento ou de um texto literário clássico. (RUIZ, 2008, p. 78)

A descontinuidade da história, mostrada por Michel Foucault pode ser aqui percebida no sentido de elaborarmos algo não pragmático, mas com um tom de veracidade, narrativo e científico. Foucault nos mostrou que a História serve para desmontar idéias já consagradas, destronar deuses e heróis, e também para desconstruir paradigmas e conceitos já consolidados.

Ainda sobre essa descontinuidade, o autor francês colocava o seguinte: para escritores modernos, a história era sempre a mesma, a “de cima para baixo”, a história dos vencedores, sempre tendo um mesmo tom e um mesmo modo de ser escrita.

Na sua famosa obra “História da Loucura”, Foucault explica todos os momentos do louco na história, em que nem sempre ele é visto da mesma forma essa descontinuidade pode ser transportada para outros assuntos modernos.

Tudo isso deve, em grande parte, aos seus influenciadores. Em Nietzsche, Foucault absorve essa descontinuação, a astúcia de criticar o sólido. Sartre deixa seu legado com o existencialismo, com a questão individual. Heidegger planta a semente da linguagem discursiva, muito utilizada nas obras do francês.

Foucault nos deixou o legado de olhar a história ironicamente, deixando de lado as premissas que vem do alto, incitando os conflitos escondidos nas cinzas do tempo, que poucos se atrevem a mexer e remexer.

Na história irônica não há lugar para a dialética e suas sínteses apaziguadoras do conflito. (...) A História irônica afirma o grotesco da existência, a convivência, superposição e perpetuação de contrastes (...). Como dizia Nietzsche, a História é um saber de baixa extração, ela nasceu da curiosidade, da bisbilhotice da plebe. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 186).

O sentido de analisar toda essa narrativa, a descontinuidade, o caráter científico ou não da História vale para pensarmos nas práticas adotadas dentro da sala de aula, uma vez que, enquanto

professores, devemos transmitir aos alunos um significado, algo plausível e sustentável no sentido de a História didática ter alguma revelação, alguma representação.

Os conceitos como Renascimento, Reforma, Contra Reforma, a Conquista de novos territórios, dão significados prontos, como o individualismo, o espírito protestante e o católico, os novos mercados. Com essa idéia fechada de lecionar História, o aluno não se sente capaz de formar seu senso crítico, abordar outras perspectivas, instigar o aqui e o agora.

Enquanto professores devemos ensinar o aluno a construir o seu prédio de críticas, o seu ponto de vista histórico, e não ensiná-lo a apenas interpretar e reproduzir os fatos, como se fosse uma tabuada de matemática. Essa construção tem de partir da aplicação destes conceitos diante das situações cotidianas. A história deve ser vista como saber perspectivo

Elaborar argumentos convincentes que possam explicar tanto a si como outros. Ensinar a ter uma percepção própria da condição humana o mais amplo possível, lembrando que existe uma grande variedade de culturas e os mais variados e instigantes problemas. Há também o ensino dos conceitos históricos, as vezes muito difusos entre si, mesmo pertencente a um determinado grupo social, ou sendo construído um século depois.

Isso enfatiza-nos a abordar a história e a literatura, ambas em conjunto, dentro da sala de aula, pois com uma linguagem mais abrangente e fácil, o aluno se sente mais motivado e interessado ao estudar algo mais tranqüilo e deslumbrante. O aluno pode analisar o discurso sobre o passado presente em determinado romance.

Outra abordagem que podemos fazer é que a obra literária mostra muito do contexto histórico em que ela foi produzida, da mesma forma como o cinema. Como exemplo disso podemos citar Machado de Assis, em que seus escritos, principalmente os romances, podem remeter à realidade do Brasil Império.

Os escritos hippies, da contracultura, produzidos no Brasil na época da Ditadura Militar indicam-nos a pensar a sociedade da época, de um determinado grupo social. O mundo vivia o auge da Guerra Fria, e essas leituras enfatizavam a crítica aos modelos norteamericanos de consumo familiar e a participação do Estado norteamericano em intervenções bélicas em outros países. Abordagens como essa, com o discurso do passado, além de enriquecer a aula sobre o período histórico, mostra como é possível escrever algo sobre o seu tempo, mesmo que indiretamente, de uma forma suave.

A chamada “crise dos paradigmas” colocou em xeque os modelos explicativos do real, e para solucionar, ao menos, essa problematização, história e literatura estão andando de mãos dadas,

com o caráter sério, mas simplificado. Entretanto, não se pode confundir as duas, o que é muito comum para alguns alunos.

Em linhas grossas, a literatura caminha junto com o imaginário, com o que podia ter acontecido, um discurso privilegiado sobre épocas diferentes. A história ficaria então com os fatos verídicos e concretos.

Nos debates do século XXI os livros considerados didáticos e paradidáticos abarcando a História vêm, ao mesmo tempo, ganhando e perdendo espaço. Existe uma luta intensa entre a ficção que agrada, mas não informa ou desvenda o passado, e a narrativa tida como verídica, que enriquece o saber humano, porém não desperta o interesse porque usa uma linguagem tediosa. (RAMOS, 2003, P. 1).

A junção entre essas duas vertentes de ensino às vezes torna-se problemática, pois muito do que é escrito por uma pode ser confundido com a outra. Principalmente na sala de aula, em que o aluno não sente prazer em estudar o que já passou, mas percebe um “conto de fadas” que tem a ver com o fato. Isso pode prejudicar-nos enquanto profissionais da história, pois ficção e realidade se misturam na cabeça do aluno.

Tanto a história quanto a literatura, mesmo que em caminhos diferentes, “são formas de percepção e leitura do real acontecido e prepara a leitura do que ainda está para acontecer (LEENHARD & PESAVENTO *apud* CRUVINEL e BICALHO), podendo acarretar em uma breve construção de um senso crítico.

Na História por vezes podemos perceber como os contos e histórias literárias representam determinado período, ou população, de determinado local. Um exemplo disso pode ser visto em Balzac, com seu célebre livro *A mulher de trinta anos*, em que o autor conta a história e angústia de Julia D’Aiglemont, narrando as fases de sua vida, amores, tumultos sentimentais e a vivência da maternidade. Podemos constatar também a Era Napoleônica, as mudanças sociais que ocorriam na França durante esse período, os comportamentos das cortes, da população mais pobre.

Outro exemplo claro da junção literatura e história é *Revolução dos Bichos*, de George Orwell. Na fábula, os bichos queriam fazer uma revolução na fazenda em que viviam, tentando se livrar da tirania do fazendeiro. Os bichos então expulsam o fazendeiro de sua propriedade e pretendem fazer dela um Estado em que todos serão iguais. Porém, esta revolução foi fadada à tirania. Orwell faz uma crítica ao totalitarismo soviético, lembrando os fatores da Revolução Russa, sendo um ótimo texto, ou filme, para trabalhar no ensino médio para este tema.

A importância do professor quanto a essas similaridades é fundamental. Distinguir o que realmente aconteceu, e o que foi criado a partir da realidade é uma das tarefas deste profissional. O professor deve mostrar que o aluno é o próprio sujeito de sua história, que ele possui a liberdade de escolher e optar pelo melhor caminho, tanto em maior ou menor grau de liberdade.

Tendo em vista a consideração entre História (realidade), e Literatura (ficção), podemos entender que, mesmo criando uma realidade, esta última precisa de um pouco de veracidade para essa criação, precisa representar algo cabível de entendimento. A História também utiliza um pouco de ficção, ao criar um determinado ambiente. Entretanto, enquanto historiadores, não podemos nos atrelar tanto a essa ficcionalidade, pois a base de nossa pesquisa são os documentos e as fontes. Não podemos criar à mercê uma realidade, sem o domínio total de tempo e espaço, como alguns literatos o fazem.

Cabe ao professor, utilizando-se dos métodos históricos aproximar o aluno dos personagens concretos da História, sem idealização, mostrando que gente como gente vem fazendo História. Quanto mais o aluno sentir a História próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela (...). (PINSKY & PINSKY, 2008, p. 28)

E a Literatura vem para ajudar a fomentar essa idéia. Temos que criar o estímulo a partir desse divertimento, dessa prática mesclada de narrativas, contos de fadas, com guerras, fatos políticos, realidade e senso crítico.

Ao abordar temas polêmicos, o professor deve tomar cuidado com o que fala, e como fala. Esse cuidado pode ser carregado nas mãos da literatura, uma vez que essa prática, assim como no livro de Orwell, faz o aluno se sentir no papel de questionar e desmembrar os acontecimentos que levaram a um determinado fato.

Atualmente, a grande dificuldade que professores de história têm encontrado em sala de aula é a questão de estimular o ensino do passado. O novo tempo de altas tecnologias faz com que se questione a eficiência dos livros didáticos e paradidáticos, que muitas vezes são considerados meios desinteressantes e até obsoletos. Questiona-se até mesmo o papel do professor, que muitos alunos consideram chatos, sem aptidão para o ato de lecionar, e as propostas de currículos de educação, consideradas ultrapassadas e sem adequação.

Diante destas tecnologias, o passado é visto como superado e sem importância, caindo na profunda onda de ser monótono e sem sentido. As aulas de História são, tristemente, substituídas pelas disciplinas mais práticas e rápidas, como Matemática e Português. A História também é importante para o papel formador de cidadão de um aluno, sendo referência.

Com tantas dificuldades, tanto as impostas pela própria escola, ao diminuir o ensino histórico, quanto ao desuso e insignificância do passado, temos que repensar a maneira de entrar na sala de aula. A História precisa, veemente, ser bem ensinada.

Incentivar o aluno a ler um livro já é algo bem distante da realidade, ainda mais um livro histórico. Com a junção entre literatura e história, percebemos que, parcialmente, a distância dessa realidade diminui. E isso é um grande trunfo nas mãos de um professor que saiba adotar tal prática. O professor de História deve conscientizar a função do aluno enquanto sujeito histórico, entender como chegamos a esse processo de civilização, e isso só pode ser percebido através do estudo de nossos ancestrais.

É preciso ter bem claro que devemos estar preparados para ocupar um espaço na sociedade globalizada sob o risco de sermos sufocados por ela. A percepção do conjunto de movimentos que estão sendo executados no mundo, exige, por parte de nossos jovens, uma cultura que vai além da técnica. (Idem, p. 21)

Portanto, a História vem para dar essa cultura, permitindo uma ampla interpretação da sociedade em que se vive, não sendo tão técnicos, a ponto de ficarem “sufocados”.

REFERÊNCIA:

- BURKE, Perter (org.). *A Escrita da História - Novas Perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.
- PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi. *Por uma história prazerosa e conseqüente*. In KARNAL, Leandro (org). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- RUIZ, Rafael. *Novas formas de abordar o ensino de História*. In KARNAL, Leandro (org). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- RAMOS, Fábio Pestana. *História e Literatura: ficção e veracidade*. Domínios de Linguagem II. 2003
- WHITE, Hayden. *Meta-História: a imaginação histórica no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1995.